



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM PRODUÇÃO EM**  
**COMUNICAÇÃO E CULTURA**

**VICTÓRIA CERQUEIRA LIMA**

**SOM DAS MINAS:**  
**AS VIVÊNCIAS E DIFICULDADES DE SER MULHER NO RAP BAIANO**

Salvador  
2019

**VICTÓRIA CERQUEIRA LIMA**

**SOM DAS MINAS:  
AS VIVÊNCIAS E DIFICULDADES DE SER MULHER NO RAP BAIANO**

Memorial apresentado à banca examinadora da Universidade Federal da Bahia como requisito para a obtenção do título de bacharel do curso de Comunicação Social com habilitação em Produção Cultural.

Orientador: Prof. Sérgio Sobreira

Salvador  
2019

*Para as duas estrelinhas mais lindas desse céu e  
para as minhas mães de alma e de sangue,  
sem vocês nada disso seria possível.  
E a todas as mulheres que lutaram para que hoje  
eu pudesse estar na faculdade fortalecendo  
o trabalho de outras mulheres. Estamos mais juntas do que nunca.*

## RESUMO

Este projeto, elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), trata-se de uma revista digital interativa denominada “Som das Minas”. O objetivo deste produto é expor relatos de rappers baianas com o intuito de dar visibilidade a essas artistas, a suas vivências e as dificuldades dentro do rap, gênero musical visto com voz predominantemente masculina. A revista é direcionada a jovens e adultos que tenham interesse na temática proposta.

**Palavras-chaves:** rap baiano, empoderamento feminino no rap, revista digital; Revista Som das Minas

## ABSTRACT

This project, elaborated as Completion of Course Work (TCC), is an interactive digital magazine called “Som das Minas”. The objective of this product is to expose reports of Bahian rappers in order to give visibility to these artists, their experiences and the difficulties within the rap, musical genre seen with predominantly male voice. The magazine is aimed at young people and adults interested in the proposed theme.

**Keywords:** Bahian rap, female empowerment in rap, digital magazine, magazine Som das Minas

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Paleta de Cores	21
Figura 2 - Fonte Getaway Car	22
Figura 3 - Fonte Inzomniac	22
Figura 4 - Fonte Roboto Condensed Bold	22
Figura 5 - Fonte Roboto Condensed	23
Figura 6 - Fonte Molleat	23
Figura 7 - Fonte Code Bold	23
Figura 8 - Fonte Code Light	24
Figura 9 - Fonte LillyBelle	24
Figura 10 - Fonte Quick Pick I	24

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2. OBJETIVOS</b>	<b>8</b>
<b>3. JUSTIFICATIVA</b>	<b>9</b>
<b>4. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>12</b>
<b>5. METODOLOGIA</b>	<b>16</b>
<b>6. CRONOGRAMA DE PRODUÇÃO</b>	<b>17</b>
<b>7. ROTEIRO DA ENTREVISTA</b>	<b>18</b>
<b>8. ORÇAMENTO E DETALHAMENTO TÉCNICO</b>	<b>20</b>
<b>8.1. Diagramando a revista Som das Minas</b>	<b>21</b>
<b>8.1.1. Cores</b>	<b>21</b>
<b>8.1.2. Ilustrações e Fotografias</b>	<b>21</b>
<b>8.1.3. Tipografia</b>	<b>21</b>
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>25</b>
<b>10. REFERÊNCIAS</b>	<b>26</b>

# 1. INTRODUÇÃO

O presente relatório técnico é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Comunicação Social com habilitação em Produção Cultural da Universidade Federal da Bahia-UFBA. O produto apresentado é uma revista digital interativa que tem como tema o empoderamento feminino no rap baiano. São poucos os estudos sobre a temática, principalmente nesse formato. A revista “Som das Minas” surge para trazer a realidade de rappers do estado, tornando as suas músicas e histórias visíveis, já que muitas vezes elas são desconhecidas até pelo público do rap.

O rap tem como principal característica a representação do cotidiano dos pobres nas grandes cidades, dando voz a minorias. Entretanto, dentro desse contexto, as mulheres não possuíam voz. No seu surgimento, o rap era exclusivamente masculino, um reflexo da sociedade machista em que vivemos. As mulheres não se sentiam representadas, as que eram aceitas no movimento precisavam se “masculinizar”. Além disso, há atos de invisibilização, boicote e desrespeito às mulheres dentro do próprio movimento, agindo como se a vivência delas não tivesse relevância para ser representada.

A revista tem o papel de desconstruir pensamentos e comportamentos machistas dos leitores, fazendo-os verem com maior amplitude a cena local, tirando o foco do rap de outros estados. As pautas foram elaboradas a fim de conseguir transmitir visões gerais da musicalidade da Bahia, do empoderamento feminino e do rap, e depois partir para a vivência das entrevistas, funcionando assim como um funil, indo da visão macro à micro. Isso foi feito justamente para fazer o leitor “passar” por toda a história e compreender a importância dessas vivências.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

A revista digital Som das Minas tem como principal objetivo explorar o cenário feminino no rap baiano e dar visibilidade às artistas que estão presentes na cena do estado. O produto é direcionado ao próprio público do rap.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Elaborar uma linha gráfica que seja compatível com o tema;
- Realizar entrevistas com rappers da cena baiana;
- Historicizar sobre o surgimento do movimento Hip Hop/RAP e suas principais características;
- Fomentar o empoderamento feminino para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária;
- Romper com a ideia de que o rap é um gênero musical exclusivamente masculino;
- Tornar a revista uma mídia alternativa para a divulgação de rappers locais.



### 3. JUSTIFICATIVA

No Dia Internacional da Mulher de 2018, a Smirnoff em parceria com o Spotify lançou o projeto “Equalizer”, um quiz para descobrir qual a porcentagem de mulheres e homens que o usuário ouve no Spotify. Ao realizar esse teste, descobri que apenas 4% dos artistas que eu escuto são mulheres. Infelizmente, essa é a realidade da maioria dos usuários do Spotify, não é por acaso que todas as músicas do TOP 10 das faixas mais ouvidas em 2017 são de artistas homens. Há uma falta de representatividade feminina não apenas nesse ranking. No Grammy de 2018, dos 84 prêmios apenas 11 tiveram vencedoras mulheres –sendo apenas um deles televisionado. Em uma pesquisa intitulada “Inclusão no Estúdio de Gravação?”, realizado pela Annenberg Inclusion Initiative da Universidade do Sul da Califórnia, nos Grammy Awards entre 2013 e 2018 apenas 9,3% dos indicados eram mulheres, ou seja, das 899 pessoas indicadas, 815 são homens.

Analisando as principais premiações brasileiras de música (segundo o Jukebox), a situação é pouco diferente. No ranking de maiores vencedores do VMB (Video Music Brasil), dos 19 artistas, 4 são mulheres. Em outra premiação, o Prêmio Multishow de Música Brasileira, dos 34 artistas com mais prêmios, 21 são homens e 13 são mulheres. Já no Prêmio da Música Brasileira, dos 18 principais vencedores, 5 são mulheres. A partir desses fatos, pude perceber a baixíssima representatividade feminina na indústria fonográfica do Brasil e do mundo e ver como essa situação é ainda pior no cenário do meu gênero musical preferido, o rap. Numa premiação dos melhores do rap, o Prêmio Genius Brasil de Música, de 2017, 17% dos álbuns indicados eram de mulheres, número maior que nas edições anteriores, porém ainda baixo. Mas em relação aos produtores musicais nenhuma mulher foi indicada e, na categoria revelações, apenas uma entre os 10 indicados era mulher.

Mas a escolha desse gênero musical vai além de um gosto pessoal. O rap (Rhythm and Poetry/Ritmo e Poesia), é conhecido por ser um movimento de minorias, nascido nas ruas e por dar voz aos que não tem. Porém quando analisamos o cenário vemos uma contradição: existem pouquíssimos nomes femininos com visibilidade dentro do movimento. Como mostrado anteriormente através dos dados, as mulheres são minoria dentro da indústria fonográfica e, nem mesmo nesse gênero musical, elas têm o seu devido espaço. Nos eventos, documentários e premiações as mulheres são totalmente invisibilizadas, isso é afirmado inclusive por algumas rappers.

Além disso, muitas das músicas de rap, tanto nacionais quanto internacionais, cantadas e escritas por homens para retratar as mulheres são extremamente machistas e misóginas.

Podemos usar como exemplo “Mulheres Vulgares” de Racionais MC’s, um dos grupos mais famosos do rap nacional.

Derivada de uma sociedade feminista  
Que considera e dizem que somos todos machistas.  
Não quer ser considerada símbolo sexual [...]  
E o outro lado da moeda, como é que é?  
Pode crê!  
Pra ela, dinheiro é o mais importante.  
Seu jeito vulgar, suas idéias são repugnantes.  
É uma cretina que se mostra nua como objeto,  
É uma inútil que ganha dinheiro fazendo sexo. (ROCK; JAY, 1993)

Embora essa música seja de 1993, esse tipo de letra continua sendo comum atualmente. Na música “Preguiça” do rapper Xamã com participação de Costa Gold, lançada em 2018, uma das participações faz um verso extremamente machista, fazendo apologia ao estupro.

Agora olha só como eu virei perigoso  
Xamã com Costa Gold nesse beat louco  
Tira o sono  
Deixa ela dormir que se ela vira eu como  
Boto o cano na goela e atiro o gozo. (NOG, 2018)

O machismo no rap precisa ser debatido e combatido. Existem inúmeras pesquisas acadêmicas a respeito do rap e do movimento Hip Hop, porém raras são as que chegam a citar os nomes femininos presentes no cenário, e praticamente inexistentes os estudos que se dedicam exclusivamente à presença e visão delas dentro do movimento.

Com base no que foi exposto, o intuito da minha pesquisa é justamente dar voz a essas experiências ignoradas através de depoimentos das próprias rappers da Bahia, local onde essa discrepância entre homens e mulheres é ainda maior – não há visibilidade alguma de nenhuma delas nos eventos. Assim, a pesquisa contribuirá possibilitando que as pessoas se conscientizem

e conheçam a participação e a concepção dessas rappers sobre o movimento, modificando a nossa visão do rap como estilo musical unicamente masculino.

O formato revista foi escolhido para facilitar a leitura dos consumidores de rap por ser mais atraente visualmente e possuir uma linguagem mais simples, ampliando ainda mais o alcance por ser uma revista digital.

## 4. REFERENCIAL TEÓRICO

O rap é um estilo musical pertencente ao movimento Hip Hop que é composto por várias outras manifestações artísticas, como o break e o grafite. Segundo Loureiro (2016), o termo “rap” já constava no dicionário americano antes mesmo do surgimento do gênero musical, e referia-se a “criticar”/“afrontar”, sendo depois ligado à música rap, ganhando um novo significado: Rhythm and Poetry.

Surgido na Jamaica, nos anos 60, e levado para o distrito nova-iorquino do Bronx, nos anos 70, o rap fazia parte de festas das periferias, composto por um DJ, que comandavam as batidas da música, e um MC (Mestre de Cerimônia) ou rapper, que montavam rimas improvisadas. Poucos anos depois o gênero musical, assim como o Hip Hop, chegou ao Brasil, atuando mais fortemente no estado de São Paulo. “Por aqui o rap sofreu influência do rap estadunidense, [porém] este não deixou de ser experimentado em conexão com a particularidade do contexto social, cultural e artístico em que respiravam os jovens das periferias brasileiras.” (LOUREIRO, 2016, p. 3)

Suas letras retratavam a realidade da população pobre e negra, fazendo uma denúncia a tudo que era vivido diariamente nas favelas. Pinto (2014) aponta que o Hip Hop visa fortalecer o sentimento de igualdade, união e pertencimento. Por ser um movimento que desde o seu surgimento funciona da periferia para o centro, ele não teve a ajuda da mídia para sua divulgação, como defende Continer (2005):

Em sua essência, o movimento hip hop não surgiu da mídia. Foi num primeiro momento uma manifestação espontânea de grupos excluídos da sociedade na periferia das grandes cidades e, num segundo, as suas reivindicações políticas, culturais, presentes em suas músicas começam a se inserir nos grandes espaços da mídia, do mundo do disco, do cinema, do teatro, de série televisivas através de um intenso diálogo entre culturas.

Na Bahia, para os rappers e b.boys locais, a cultura hip-hop já existe desde a década de 80. Mas o marco do surgimento do movimento no estado baiano foi em abril de 1996, quando ocorreu a primeira reunião do movimento em Salvador, envolvendo vários grupos de diversos bairros. (BARBOSA, 2013, p. 134-135)

Por muito tempo o Hip Hop e, conseqüentemente, o rap eram apenas para homens e as poucas mulheres que participavam da cena precisavam se masculinizar, usando cabelos extremamente curtos, roupas largas e etc. (DILON, 2014) Poucos são os estudos sobre o gênero musical que

incorporam as experiências femininas na constituição do movimento, percebemos uma maioria opressiva de homens na cena.

Por mais que as mulheres estejam inseridas no movimento ainda assim lhes é tirada, muitas vezes, a legitimidade de falarem por si, isso devido a reprodução subjetiva, porém não aleatória, de uma lógica que tende a ‘ignorar’ as particularidades da experiência de ser mulher. (PINTO, 2014, p. 4)

Dentro desse cenário de exclusão feminina, existiam – e ainda existem – letras de músicas extremamente machistas, que usam adjetivos pejorativos para retratar o sexo oposto e ainda objetificam o sexo feminino.

O rap como espaço de disputa, caracterizado por mudanças e transformações, mas também por resistência e permanência, foi muitas vezes contraditório, complexo e paradoxal, a ponto de permitir entrever a reprodução sexista no interior de um discurso que se pretendia libertário e questionador da opressão. (CARVALHO, 2006)

Esse é o reflexo do machismo que está enraizado na sociedade. Segundo Hooks (2000) há uma cultura de dominação masculina, onde os homens recebem privilégios simplesmente por terem nascido homens, isso está tão enraizado que desde pequenos aceitamos esses pensamentos sexistas. Para autora, para conseguirmos mudar o patriarcado, é necessário primeiro criar nas mulheres consciência de que não somos inferiores aos homens, como aprendemos. “Compreender a forma como a dominação masculina foi expressa na vida cotidiana criou consciência nas mulheres das formas em que fomos vitimizadas, exploradas e, em piores situações, em cenários oprimidas.” (HOOKS, 2000)

Dessa consciência surge o chamado empoderamento feminino. Mas, o que seria empoderamento? Paloma Marinho e Hebe Gonçalves (2016, p. 18) apontam que o empoderamento “é um processo que parte do enfrentamento de fatores referentes à estrutura de poder presentes na esfera micro e macrossocial, o que conseqüentemente implica a redistribuição do poder.” Embora o termo dê a entender que se trata de um processo individual, o empoderamento depende do coletivo.

Defende-se, portanto, a existência de uma estrutura de poder desigual entre homens e mulheres, com maior detenção de controle e recursos por parte de homens. Entretanto, a microfísica do poder de Foucault desestabiliza a ideia de que essa é uma relação invariavelmente imutável e abre a possibilidade para o exercício do poder por parte de grupos diversificados e da resistência como opção alcançável pelas mulheres —mediante suporte, conscientização, entre outros aspectos. (MARINHO, GONÇALVES, 2016, p. 83)

Desde que as mulheres passaram a se empoderar como um grupo, elas lutam para ter os seus direitos e terem lugar assim como os homens. Foi graças a essas lutas que elas conquistaram, por exemplo, o direito ao voto. Esse empenho segue até hoje por salários iguais para homens e mulheres, as mesmas chances de trabalho, o fim do feminicídio e da cultura do estupro, entre muitas outras coisas.

Concomitantemente a essas lutas e mudanças, podemos perceber também uma reivindicação do espaço feminino dentro do rap. Como citado anteriormente, no surgimento do movimento Hip Hop, apenas os homens podiam ser rappers, depois disso as mulheres começaram a ter um espaço maior na cena, porém cantavam apenas os refrãos ou eram backing vocals.

Barbosa (2013, p. 151) afirma que o primeiro grupo feminino de rap da Bahia foi o “O Grito”, formado por Daniela Lucaia, Kueyla Bitencourt, Ellen Carvalho, Tatiane, Tuca e Alexandra Pereira, em 1998. Em seguida, ainda segundo a autora, veio o grupo Hera Negra. “[...]. Desde o surgimento do hip-hop em Salvador e Lauro de Freitas, a questão de gênero e a presença das mulheres reivindicando espaços, denunciando o sexismo foram constantes.” (BARBOSA, 2013, p. 152)

Para Santos (2017, p. 103) as vivências, críticas sociais e as músicas das rappers ainda são vistas como se tivessem menos valor que as dos homens. “As principais dificuldades encontradas no interior do movimento Hip-Hop provinham dos próprios integrantes masculinos do movimento.” (LARA et al., 2010, p. 8)

Por conta de toda essa segregação, as mulheres do movimento buscam reforçar e enriquecer sua identidade sem serem discriminadas, podendo usar salto, cabelo comprido, maquiagem e o que mais quiserem.

As letras das músicas femininas também abordam temas que antes não eram observados pelos homens, como criação de filhos, feminicídio, desigualdade de gênero, violência doméstica, oposição a mulher sexualmente submissa e outros assuntos que, como é o objetivo do rap, dá voz a questões pertinentes que, até então, não eram cantadas.

“Através da inserção feminina no rap, foi constituído um novo veículo de denúncias, reivindicações e exposições de ideias. Formou-se um espaço de crescimento e mudança de realidades, na medida em que as rappers, por meio de táticas de sobrevivência, alertaram, incentivaram, ensinaram e desafiaram outras mulheres e homens a construírem uma sociedade diferente e composta de tolerância, equidade e respeito. Elas reivindicaram o direito de ser mulher, pobre, afro-brasileira e rapper, características nunca inferiores, apenas diferentes.” (CARVALHO, 2006, p. 140-141)

É fato que a presença feminina no rap vem crescendo gradativamente. Hoje vemos rappers como Karol Conká, Cynthia Luz, Flora Matos, Lourena, Tássia Reis, NaBrisa, Drik Barbosa, Negra Li e outras crescendo, se afirmando e dando cada vez mais visibilidade ao rap feminino.

## 5. METODOLOGIA

O método de pesquisa utilizado é o exploratório e qualitativo, apresentando os resultados através de análises, mas também levando em consideração alguns dados coletados por algumas pesquisas, quantitativos. O estudo foi desenvolvido através de:

1. Entrevistas: foram realizadas entrevistas com 4 rappers baianas e 1 coletivo, selecionados a partir da cidade em que vivem. Assim, foram entrevistadas Janaína NoBlah (Salvador), Bruna MC (Lauro de Freitas), A Vez das Minas (Feira de Santana), Duquesa (Feira de Santana) e Emmer’C (Eunápolis). O intuito dessa seleção era compreender as particularidades das vivências de rappers da capital e de cidades próximas e longes dela. As respostas obtidas por meio destas entrevistas serviram para a produção das matérias sobre cada uma das artistas que compõem a revista digital. Além das rappers, também foi entrevistada Jéssica Arcaño, mãe de Bruna MC.

2. Pesquisa de campo: através da entrevista guiada, foram recolhidas informações sobre a participação feminina no RAP baiano, tendo como objetivo analisar o impacto dessas experiências. Assim, a pesquisa de campo se deu de forma indireta e qualitativa.

3. Revisão bibliográfica: através de estudos sobre o rap (surgimento, características, principais nomes, entre outros) e do empoderamento feminino, além do estudo dos raros artigos que unem os dois temas. Entre os autores utilizados estão: Priscila Saemi Matsunaga, Bell Hooks, João Batista Soares de Carvalho, Maria Lícia de Lima Barbosa, Sandra Mara Pereira dos Santos, entre outros.

A disponibilização da revista foi feita através de um site ([somasminas.wixsite.com/revista](http://somasminas.wixsite.com/revista)) criado exclusivamente para o projeto.



## 6. CRONOGRAMA DE PRODUÇÃO

<b>Atividades</b>	<b>Ago. à Set/ 18</b>	<b>Out. à Nov/ 18</b>	<b>Dez./ 18 à Jan./ 19</b>	<b>Fev./ 19</b>	<b>Março/ 19</b>	<b>Abril/ 19</b>	<b>Maió/ 19</b>	<b>Junho/ 19</b>
Elaboração do projeto								
Revisão bibliográfica								
Identificação e contato com as rappers								
Elaboração e envio das perguntas da entrevista								
Pautas e matérias								
Diagramação								
Criação do site e revisão final								
Entrega do TCC								
Defesa do TCC								

## 7. ROTEIRO DA ENTREVISTA

### Perguntas Gerais

- Conte sobre você, como uma mini biografia (idade, gostos, de qual cidade é...).
- Como surgiu o interesse em cantar rap, que é uma cultura dominada por homens?
- O que é o rap na sua vida?
- Quais são suas inspirações (na música, estilo e vida pessoal)?
- Qual a importância, no seu ver, das minas se juntarem – principalmente no Hip Hop? A união das mulheres é o que pode mudar esse cenário de invisibilidade?
- A invisibilidade das mulheres é culpa dos MCs ou do público?
- Você já sofreu algum tipo de assédio machista no meio Hip Hop? Como reage a isso?
- Quais barreiras e preconceitos você já teve que enfrentar dentro do movimento?
- Como é fazer rap na Bahia? Quais são as suas impressões na cena local?
- O que você acha dessa invisibilidade que o rap baiano tem na própria mídia local?
- Como você vê a recepção do público de rap em relação ao discurso feminista?
- O que você pensa sobre as mulheres serem chamadas sempre para fazer apenas os refrãos das músicas de rappers homens?
- A maioria dos eventos, inclusive os locais, tem maioria esmagadora de homens. Aqui na Bahia, a maioria desses eventos são organizados pelos próprios rappers, que visão você tem disso?
- E sobre os raps com letras machistas?
- Atualmente, o rap tem conquistado mais espaço no cenário musical. Entretanto, há mais ascensão de rappers homens do que mulheres. Como você avalia tudo isso?

### Perguntas específicas

- A Vez das Minas: Como surgiu o “A Vez das Minas”? Vocês sempre foram amigas?

- Emmer’C: Você faz parte de um grupo de rap, certo? Como ele se formou?
- Bruna MC:
  - Como é a sua vida?
  - O que você gosta de fazer?
  - Conte um pouco da sua trajetória no hip hop. Como você começou a cantar?
  - Quem mais te incentivou a seguir com o rap?
  - Como foi o seu primeiro show? Quais são as suas referências musicais?
  - Qual sua rotina para conciliar estudos, ser criança (suas brincadeiras) e a vida de rapper?
  - Você acha que falta espaço para as mulheres no rap?
  - Quais assuntos você traz nas suas músicas? Quando você percebeu a necessidade de falar sobre esses temas?
  - Qual a mensagem que você gostaria de passar para as meninas e crianças todas com suas canções?
- Jéssica (mãe de Bruna): Como vocês descobriu esse talento da Bruna? E com quantos anos ela começou a fazer rap?
  - Você claramente incentiva demais ela e a acompanha em tudo, consegue ver quais as maiores dificuldades em se fazer rap no nosso estado? Quais são as suas impressões da nossa cena local?
  - Quem você acha que foi a maior inspiração da Bruninha? Como ela começou a ter contato com o rap? Foi através de você?
  - Qual foi a sua sensação ao ver a Bruna pela primeira vez em um evento?

## 8. ORÇAMENTO E DETALHAMENTO TÉCNICO

O processo de desenvolvimento da revista começou pela identificação de algumas rappers que compõem o cenário baiano. Em seguida, foi realizado o contato com essas mulheres por Instagram para explicar o projeto e convidá-las a fazer parte dele. Em paralelo a este momento, houve a criação do roteiro de perguntas para a entrevista e a escolha do nome da revista.

Após a finalização dessas etapas, partiu-se para o envio das perguntas às rappers e o aguardo do retorno. Essa foi a etapa mais longa do projeto, já que elas demoraram para enviar as respostas. As três primeiras matérias introdutórias que compõem a revista foram escritas durante este tempo de espera. Conforme as entrevistas eram recebidas, foram sendo elaboradas as matérias sobre cada uma das mulheres.

A diagramação do material foi realizada por mim, através de conhecimentos que foram adquiridos autodidaticamente durante os estágios em Comunicação realizados nos últimos 2 anos e 6 meses. O programa utilizado para a diagramação foi o *Adobe InDesign*, na sua versão de 2017, e o *Adobe Illustrator* para vetorização.

O último passo foi a criação de um site para disponibilizar a revista online da melhor forma possível. O desenvolvimento do site também foi realizado por mim, através da plataforma Wix. Como trata-se de uma revista digital, não foi necessário orçamento para a impressão e disponibilização da mesma. Todas as plataformas utilizadas eram gratuitas ou as licenças já haviam sido compradas antes do projeto.

## 8.1. Diagramando a revista Som das Minas

### 8.1.1. Cores

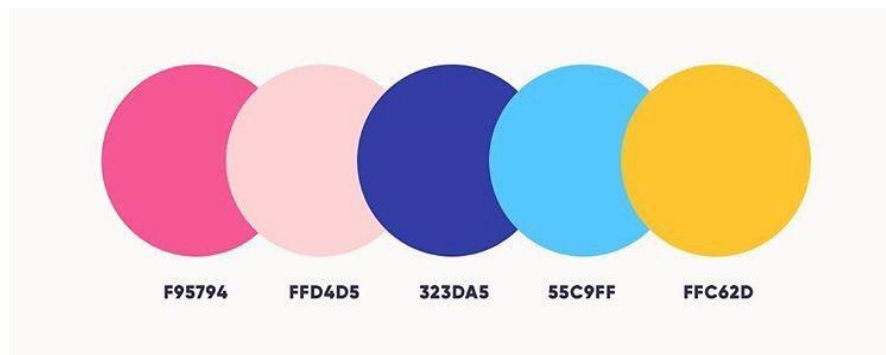


Figura 1 - Paleta de Cores

A capa da revista foi a primeira parte da diagramação que foi realizada, a partir da escolha das cores desta, foi montada a paleta de cores da parte interna da revista (figura 1), a fim de criar uma coerência entre as partes.

Além destas cinco cores, também foram utilizados o preto e o branco. Há também uma variação de tonalidade das cores escolhidas para causar uma harmonia visual e, em alguns casos, para combinar com as fotos.

### 8.1.2. Ilustrações e fotografias

Todas as ilustrações utilizadas na revista foram obtidas através de plataformas de vetores livres, como o Freepik e o Shutterstock, e foram escolhidas a partir de elementos que representassem o feminismo e a cultura hip hop. A arte da capa foi feita através de elementos encontrados nas plataformas citadas anteriormente. As fotos foram enviadas pelas próprias rappers e são utilizadas como divulgação.

### 8.1.3. Tipografia

Para representar a Revista Som das Minas, escolheu-se a tipografia do nome com base em fontes já características do movimento Hip Hop, ou seja, mais desenhadas e dando uma idade de grafite. As fontes são *Getaway Car* (“Som das”) e *Inzomniac* (“Minas”). A outra fonte utilizada na capa é a *Roboto Condensed Bold* em caixa alta.

A 0065	B 0066	C 0067	D 0068	E 0069	F 0070	G 0071	H 0072	I 0073	J 0074	K 0075	L 0076	M 0077	N 0078	O 0079	P 0080	Q 0081	R 0082
A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R
S 0083	T 0084	U 0085	V 0086	W 0087	X 0088	Y 0089	Z 0090										
S	T	U	V	W	X	Y	Z										

Figura 2 - Fonte Getaway Car

A 0065	B 0066	C 0067	D 0068	E 0069	F 0070	G 0071	H 0072	I 0073	J 0074	K 0075	L 0076	M 0077					
A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M					
N 0078	O 0079	P 0080	Q 0081	R 0082	S 0083	T 0084	U 0085	V 0086	W 0087	X 0088	Y 0089	Z 0090					
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z					

Figura 3 - Fonte Inzomniac

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M					
<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>	<b>F</b>	<b>G</b>	<b>H</b>	<b>I</b>	<b>J</b>	<b>K</b>	<b>L</b>	<b>M</b>					
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	Z	W	Y					
<b>N</b>	<b>O</b>	<b>P</b>	<b>Q</b>	<b>R</b>	<b>S</b>	<b>T</b>	<b>U</b>	<b>V</b>	<b>X</b>	<b>Z</b>	<b>W</b>	<b>Y</b>					

Figura 4 - Fonte Roboto Condensed Bold

Na parte interna da revista, além das fontes da capa, foram utilizadas mais cinco fontes:

- *Roboto Condensed* (figura 5): utilizada no corpo das matérias (em caixa baixa e tamanho 13) e nas observações de interação.

a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m
a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m
n	o	p	q	r	s	t	u	v	x	z	w	y
n	o	p	q	r	s	t	u	v	x	z	w	y

Figura 5 - Fonte Roboto Condensed

- *Molleat* (figura 6): usada no título da matéria “Empoderar: um verbo de ação” (em caixa alta e baixa) e no título de “A Vez das Minas”.

A	B	C	D	E	F	G	H	I
A	B	C	D	E	F	G	H	I
J	K	L	M	N	O	P	Q	R
J	K	L	M	N	O	P	Q	R
S	T	U	V	W	X	Y	Z	
S	T	U	V	W	X	Y	Z	
a	b	c	d	e	f	g	h	i
a	b	c	d	e	f	g	h	i
j	k	l	m	n	o	p	q	r
j	k	l	m	n	o	p	q	r
s	t	u	v	w	x	y	z	
s	t	u	v	w	x	y	z	

Figura 6 - Fonte Molleat

- *Code Bold* (figura 7) e *Code Light* (figura 8): utilizadas nos créditos da revista, na citação da página 6, nome das seções e subtítulos/títulos.

a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m
A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
n	o	p	q	r	s	t	u	v	x	z	w	y
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	Z	W	Y

Figura 7 - Fonte Code Bold

a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m
A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
n	o	p	q	r	s	t	u	v	x	z	w	y
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	Z	W	Y

Figura 8 - Fonte Code Light

- *LillyBelle* (figura 9): presente em citações e no título da matéria de Duquesa e Janaína.

a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m
a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m
n	o	p	q	r	s	t	u	v	w	x	y	z
n	o	p	q	r	s	t	u	v	w	x	y	z

Figura 9 - Fonte LillyBelle

- *Quick Pick I* (figura 10): usada no título de Emmer’C.

A	B	C	D	E	F	G	H	I
A	B	C	D	E	F	G	H	I
J	K	L	M	N	O	P	Q	R
J	K	L	M	N	O	P	Q	R
S	T	U	V	W	X	Y	Z	
S	T	U	V	W	X	Y	Z	

Figura 10 - Fonte Quick Pick I

As fontes *Inzomniac* e *Getaway Car* foram usadas no sumário, títulos e citações. Os tamanhos das fontes dos títulos variam para que haja uma hierarquia visual e uma estética mais atrativa.



## **9. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente relatório tem como finalidade descrever os procedimentos realizados para a produção da revista digital Som das Minas. Foram muitas etapas a serem cumpridas desde o desenvolvimento do projeto até o produto final, a ideia central sempre foi dar visibilidade às rimas e histórias de rappers baianas, tornando o produto um objeto de reflexão sobre o machismo na cena do rap local.

A minha aproximação com o tema fez com que todos os meses de dedicação ao projeto fossem feitos com entusiasmo, principalmente ao ver o produto final concluído. Foram muitos aprendizados que levarei para o meu futuro profissional.

Meu desejo é estimular a mudança de comportamento do público do rap através do contato com a revista, visto que muitas vezes a reprodução de atitudes machistas pode ser involuntária. Além disso, também quero levar o projeto adiante, já que foi tão bem acolhido pelas mulheres entrevistadas.

## 10. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Elaine Nunes de (Org.). Rap e Educação, Rap é Educação. São Paulo: Selo Negro, 1999. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=akqVPv9XJ88C&oi=fnd&pg=PA9&dq=o+rap+e+educação,+rap+é+educação&ots=mO9BOE2BJ2&sig=7HHYU9cP5UwtKCWhWyGeauksfcA#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 10 out. 2018.
- BARBOSA, Licia Maria de Lima. “Eu me alimento, eu me alimento, força e fé das iabás buscando empoderamento!”: expressões de mulheres negras jovens no hip-hop baiano. 2013. 303 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos Étnicos e Africanos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/23782/1/LMLBarbosa.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2018.
- CARVALHO, João Batista Soares de. Constituição de identidades, representações e violência de gênero nas letras de RAP (São Paulo na década de 1990). 2006. 199 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/12957/1/Joao%20Batista%20Soares%20de%20Carvalho.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2018.
- CONTIER, Arnaldo Daraya. O rap brasileiro e os Racionais MC's.. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 1., 2005, São Paulo. Proceedings online... Available from: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000082005000100010&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000100010&lng=en&nrm=abn)>. Access on: 09 nov. 2018.
- DILON, Fernanda. As minas das rimas: o universo feminino dentro da cultura hip hop. Arruaça, São Paulo, v. 2, 2014. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/revista-arruaca/minas-das-rimas-o-universo-feminino-dentro-da-cultura-hip-hop/>>. Acesso em: 11 nov. 2018.
- HOOKS, Bell. Feminism Is for Everybody: Passionate Politics. Cambridge: South End Press, 2000. 138 p. Disponível em: <[https://excoradfeminisms.files.wordpress.com/2010/03/bell\\_hooks-feminism\\_is\\_for\\_everybody.pdf](https://excoradfeminisms.files.wordpress.com/2010/03/bell_hooks-feminism_is_for_everybody.pdf)>. Acesso em: 10 nov. 2018.
- LARA, Juliana Siqueira de et al. Mulheres no RAP carioca: Inserção e Preconceito. In: Congresso Iberoamericano De Ciência, Tecnologia E Gênero, 8.,2010, Curitiba. Anais. Curitiba: UTFPR, 2010. p. Disponível em: <[http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/eventos/cictg/conteudo\\_cd/E11\\_Mulheres\\_no\\_RAP.pdf](http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/eventos/cictg/conteudo_cd/E11_Mulheres_no_RAP.pdf)>. Acesso em: 11 out. 2018.
- LOUREIRO, Bráulio Roberto de Castro. Arte, cultura e política na história do rap nacional. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Campinas, v. 63, p.235-241, abr. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rieb/n63/0020-3874-rieb-63-0235.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2018.
- MARINHO, Paloma Abelin Saldanha; GONÇALVES, Hebe Signorini. Práticas de empoderamento feminino na América Latina. Revista de Estudios Sociales No.35, [s.l.], v. 56, p.80-90, 1 abr. 2016. Revistas Uniandes. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/revestudsoc/9863>>. Acesso em: 11 out. 2018.

- MATSUNAGA, Priscila Saemi. Mulheres no hip hop: identidades e representações. 2006. 209 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1739/1/tese.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.
- MOTA, Maria Nilda de Carvalho; MOTA, Eduardo Guilherme de Carvalho. Rap nacional é coisa séria: o gangsta, o feminino e o lúdico. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 10, p. 472-482, jan. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/550>>. Acesso em: 17 nov. 2018.
- NOG, Caio; PREDELLA, Lucas; XAMÃ, Mc. Intérprete: Mc Xamã, Caio Nog e Lucas Predella. Preguiça. [S.l.]: Baguá Records, 2018. 1 CD. Faixa 6.
- ROCK, Edi; JAY, KL. Intérprete: Racionais MC's. Mulheres Vulgares. [S.l.]: Zimbabwe Records, 1990. 1 CD. Faixa 4.
- ROSA, Waldemir. Homem Preto do Gueto: um estudo sobre a masculinidade no rap brasileiro. 2006. 97 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2769/1/Dissertação%20Waldemir%20Rosa.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2018.
- SANTOS, Sandra Mara Pereira dos. Discriminação do gênero feminino, denúncia e resistência das cantoras do rap brasileiro. Rbse Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, João Pessoa, v. 16, n. 48, p.99-110, dez. 2017. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSEv.16n.48dez2018completo.pdf#page=99>>. Acesso em: 9 nov. 2018.